



Paul White/AP

ZAPATERO E a ministra de Finanças, Elena Salgado, na votação do pacote

China acalma mercados sobre papéis europeus

Bolsa de SP avança 3,16%, e dólar recua 1,72%, a R\$ 1,826. Espanha aprova plano de austeridade

Bruno Villas Bôas

• RIO, NOVA YORK, LONDRES e MADRI. A Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) subiu ontem pelo segundo dia seguido, depois de autoridades chinesas negarem que estejam revendo suas aplicações em títulos da dívida de países europeus. O Ibovespa, seu principal índice, encerrou em alta de 3,16%, aos 62.091 pontos. O dólar comercial recuou 1,72%, a R\$ 1,826.

O jornal britânico "Financial Times" afirmou que a China estava revisando investimentos em bônus da zona do euro. Mas a China afirmou que a Europa continua sendo um importante mercado para suas reservas internacionais, o que levou otimismo puxou as bolsas: Tóquio avançou 1,23%, Xangai, 1,15%, e Londres, 3,12%. Em Nova York, o Dow Jones subiu 2,85%.

Também ajudou a acalmar os mercados a aprovação do pacote de austeridade fiscal na Espanha, reduzindo temores de uma repetição dos problemas da Grécia. O Parlamento espanhol aprovou, por um voto de diferença — 169 a favor e 168 contra —, um corte de gastos públicos de € 15 bilhões. A votação fez o presidente do governo espanhol, Jo-

sé Rodríguez Zapatero, cancelar a viagem que faria ao Brasil.

Garcia: 'Tentação do protecionismo é grande'

As negociações para um comércio livre entre Mercosul e União Europeia (UE) voltam em junho, disse ontem o assessor da Presidência para Assuntos Internacionais, Marco Aurélio Garcia. Para ele, os governos precisam evitar a criação políticas protecionistas, como barreiras à importação. Admitiu, contudo, que, especialmente em momentos de crise, "a tentação do protecionismo é muito grande".

— Há uma tendência de protecionismo. Mas o protecionismo não é uma boa companhia em tempos de crise.

Para Carlos Solchaga, presidente da Fundación Euroamérica e ex-ministro de Economía e Fazenda da Espanha, um dos quesitos para acelerar a integração da UE é um sistema econômico mais exigente.

O presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, admitiu ontem em Londres que as exportações brasileiras devem ser afetadas pela crise europeia. ■

COLABOROU: Fabiana Ribeiro, com agências internacionais